EDITORIAL

No Brasil formaram-se, no ano de 1995, cerca de 100 doutores em Química, número este aquém de nossas necessidades e incompatível com um país que tem a oitava indústria química do mundo em faturamento. Temos de reconhecer que houve um grande aumento no número de doutores formados e que o crescimento da Química dentre as áreas de exatas é uma realidade. Universidades do porte da Unicamp e da Federal de São Carlos só têm 25 anos, e só agora seu quadro docente chegou à segunda geração. Attingir o nível de qualidade que atingiram estas universidades em tão pouco tempo é motivo de orgulho.

Apesar do crescimento da Química e da qualidade que alcançou, caminhos têm que ser buscados para que, no início do século 21, estejam sendo formados 400 doutores em Química por ano, com a mesma qualidade daqueles que vêm agora sendo formados. Mas é necessário que esses doutores obtenham sua titulação mais jovens, e a um custo menor. O custo de um doutoramento no exterior é muito alto e só os melhores estudantes, com a exigência de que sejam jovens, devem ser os premiados, desde que, é claro, se dirijam a universidades consideradas "top". Às agências e aos comitês cabe o papel de identificar as áreas de ponta e as áreas carentes no país, já reservando recursos para esses doutores quando retornarem do exterior.

As universidades devem começar a exigir dos doutores titulados no país o pós-doutoramento no exterior para o ingresso na carreira do magistério. Não temos que nos preocupar com a saturação dos quadros docentes das universidades, porque em nações desenvolvidas doutores em química atuam em centros de pesquisas e desenvolvimento, escolas técnicas, firmas de consultoria, etc. Este é um dos caminhos, entre outros.